

CINEIATE: Um Pouco de Caos

por Marcia Mazo

25/06/2026

Um filme elegante e delicado, ambientado na corte de Luís XIV durante a criação dos jardins de Versalhes. Kate Winslet interpreta Sabine de Barra com sensibilidade e dignidade, dando vida a uma mulher forte e independente em uma época em que tal figura é mais uma licença poética do que uma representação histórica.

A beleza da fotografia dá espaço a um romance convencional e previsível. A relação amorosa entre Sabine e André Le Nôtre. Entretanto as cenas entre Sabine e Luís XIV, interpretado pelo próprio Alan Rickman, estão entre os momentos mais interessantes do filme, revelando uma amizade delicada e reflexiva.

No filme encontramos reflexões sobre arte, perda e renovação que se sobrepõem à trama romântica. O filme sugere que a beleza pode nascer da imperfeição e que o sofrimento pode ser transformado em criação.

A arte não precisa ser perfeita para ser bela; muitas vezes, é justamente a imperfeição que a torna humana e viva. A perda nos marca para sempre, mas não precisa nos impedir de amar, criar e encontrar novos sentidos para a vida.

A construção do Bosquet des Rocailles, um dos jardins de Versalhes, simboliza a reconstrução interior de Sabine. À medida que ela cria um espaço de beleza e movimento, também vai reencontrando a capacidade de confiar, amar e se abrir novamente ao mundo.

Renovar-se não significa esquecer o passado, mas aprender a seguir em frente levando consigo as experiências vividas. O filme opõe André Le Nôtre, defensor da ordem e da simetria, à visão mais livre de Sabine. Aos poucos, ambos aprendem que a vida exige equilíbrio entre planejamento e espontaneidade.

Entendi que os jardins representam o ciclo natural: crescimento, decadência e renascimento. Assim como as estações mudam, as pessoas também passam por períodos de dor e de florescimento.

É possível criar beleza a partir das feridas, e é justamente um pouco de caos que permite à vida se renovar.